

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS FICHA DE IDENTIFICAÇÃO FORMAS DE EXPRESSÃO	CÓDIGO DA FICHA					
	--	--	--	--	F40	--
	UF	SÍTIO-	LOC	ANO	FICHA	NO.

1. LOCALIZAÇÃO

SÍTIO INVENTARIADO	Goiás
LOCALIDADE	Niquelândia
MUNICÍPIO / UF	Niquelândia GO

2. BEM CULTURAL

DENOMINAÇÃO	Congada de Santa Efigênia		
OUTRAS DENOMINAÇÕES	Congos		
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA		

3. EXECUTANTEOBS.: PARA MAIS INFORMAÇÕES SOBRE O(A) ENTREVISTADO(A) VER **ANEXO 4: CONTATOS**.

NOME	Valdivino Fernandes Pimentel		☒ MASCULINO ☐ FEMININO
OCUPAÇÃO	Pedreiro	DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO	1960
RELAÇÃO COM O BEM	☒ MESTRE ☐ PRODUTOR ☐ PÚBLICO ☐ APRENDIZ ☐ VENDEDOR ☐ EXECUTANTE ☐ OUTRO _____		

4. FOTOSOBS.: PARA LISTA COMPLETA DAS FOTOS INVENTARIADAS, CONSULTAR O **ANEXO 2: REGISTROS AUDIOVISUAIS**.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO

--

--

--

--

F40

--

**ENTREGA DOS FESTEIROS PARA MISSA. PAULO BARRETO. 2008**

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO

--

--

--

--

F40

--

**MEDALHAS DA FAIXA DE SEU LUÍS PRETO. PAULO BARRETO 2008**

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO

--

--

--

--

F40

--



Entrega do Juiz. Carolina Santos. 2008

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO

--

--

--

--

F40

--

5. DESCRIÇÃO DO BEM IDENTIFICADO

A Congada de Santa Efigênia de São José do Tocantins, atual Niquelândia, remonta ao período da exploração de ouro nos tempos coloniais. O compromisso da irmandade é do final do século XVIII. É perceptível certa predominância de traços culturais próprios dos povos centro-africanos (região do Congo, Angola e Moçambique) nesse catolicismo negro, mas há igualmente elementos que indicam a influência de minas e sudaneses e ainda dos índios Avá-canoieiros, que tinham presença forte na região. Trata-se de uma manifestação híbrida, na qual a resistência cultural pela vivência do sagrado preserva conteúdos religiosos dos antepassados e uma série de conhecimentos a eles associados.

Na festa, as principais santas homenageadas são Santa Efigênia e Nossa Senhora do Carmo. Cada santa tem sua corte composta por imperador e rainha, príncipe ou princesa e juiz ou juíza. São cinco festeiros no dia 25/7, dia de Santa Efigênia, e outros cinco no dia seguinte. A congada “trabalha” para as santas, cantando e dançando em duas filas paralelas na rua e nas casas dos festeiros e promesseiros.

A primeira atividade da Congada é a Capina do Largo da Igreja de Santa Efigênia, no dia de São João, 24/6. Começa com uma missa na Igreja com a presença dos congos e da irmandade. Além da liturgia normal e da homilia voltada ao santo do dia, é feita referência à tradição da Congada e, no final da missa, o padre faz a benção das enxadas. Após a missa, ao som dos cantos da Congada acompanhados do bumbo e da caixa, os enxadeiros limpam o largo e as panhadeiras de cisco juntam o mato, composto de capim, vassoura e malva, e amarram nas partes enfermas do corpo, seguindo a crença de que este capim, abençoado por Santa Efigênia tem propriedades curativas.

Após a Capina do Largo é servido um café da manhã no próprio largo da Igreja para os Congos, os membros da irmandade, o padre e seus ajudantes e demais pessoas da comunidade presentes. Este café da manhã tem um sentido de comunhão e marca a primeira reunião dos Congos no ano.

Antigamente, a maioria das pessoas ligadas à Congada moravam na zona rural e vinham para a cidade no período da Festa. Os festeiros, traziam polvilho, fubá, mandioca, vasilhas e gamelas e preparavam os doces e biscoitos para o café da manhã no próprio largo, onde muitos arranchavam. Faziam quebrador, biscoito fervido, peta, brevidade, mãe benta, bolo de arroz, bolo de raspa e pão de queijo. A reunião já começava de fato na véspera, com o preparo da janta e com música e dança que entrava pela madrugada.

A segunda atividade é o levantamento do mastro, que é feito no dia de São Pedro, 29/6. Os congos acompanham o capitão do mastro ao som do bumbo e da caixa da casa deste até o largo da Igreja de Santa Efigênia, onde após uma missa e a benção, é levantado o mastro com a bandeira. Após o levantamento do mastro, ocorre o primeiro ensaio na casa do capitão do mastro. A bandeira no alto do mastro, com a imagem de Santa Efigênia, de um lado, e de Nossa Senhora do Carmo, do outro, marca o período da Festa, na qual as santas canalizam para a terra as bênçãos do céu.

A formação da Congada propriamente dita começa com os ensaios, dois dias antes da Festa. Na noite de 23/07 os congos visitam as casas dos dez festeiros daquele ano. Cantam e dançam em todas as casas, “trabalhando” para as santas e louvando quem propicia a Festa. Em cada casa é servido um café ou uma farofa e em uma delas é servida uma janta para os congos. Esta atividade começa às 18h00 e entra pela madrugada.

O dia 25/7, dia de Santa Efigênia, é o primeiro dia da Festa. Vários grupos de congo, numa formação menor, saem logo cedo reunindo os festeiros. Eles chegam tocando e dançando, fazem uma meia volta em frente à casa do festeiro, que já está de prontidão e entra no meio do grupo. Este já faz o percurso de volta, levando o festeiro para a concentração na casa de Seu Luís Preto. São cinco festeiros de Santa Efigênia: Imperador, Rainha, Príncipe e Princesa e Juiz ou Juíza. Reunidos os festeiros, a Congada faz sua formação em duas filas paralelas, com os balizas

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO

--

--

--

--

F40

--

à frente, o guia com o tamborim à direita, o contra-guia na viola ao centro e o primeiro cuiqueiro à esquerda.

Formados, o tamborim e a cuíca dão a introdução, os balizas puxam os versos e a congada desce em cortejo por volta de 8h00 da manhã, conduzindo o reinado, para a missa de Santa Efigênia. No percurso, vão cantando e dançando na rua, os congos respondendo em coro os cantos puxados pelos guias. O caixeiro e o tocador de bumbo seguem um pouco à frente e não participam dos cantos e da dança.

Na porta da Igreja, são entoados cantos de entrega dos festeiros na missa e de louvor à Santa Efigênia. A missa, às 9h00, acontece atualmente em uma grande tenda montada ao lado da igreja, que já não comporta o número de devotos e promesseiros. Ela segue a liturgia católica normal, sem cantos ou danças da Congada. O reinado e os congos assistem à missa em local privilegiado adrede preparado. Uma grande imagem de Santa Efigênia é colocada em frente ao altar abençoando os presentes.

Ao final da missa, a Congada volta a formar e executa alguns cantos e danças considerados obrigatórios, com os festeiros posicionados em pé, na frente da igreja. Dali, já por volta do meio-dia, segue em cortejo, tocando e dançando, para o almoço na casa da rainha ou do imperador. Na porta da casa há uma cerimônia para levar o festeiro para dentro. Este senta em uma cadeira com o pajem em pé, segurando o guarda-chuva que lhe protege, a uns três metros da porta. A congada entoa o canto de entrega do festeiro e a cadeira é aproximada até um metro da porta. A congada continua cantando e dançando e o festeiro é finalmente conduzido para dentro. Os demais membros do Reinado o acompanham.

Ali, em uma grande mesa armada no pátio é servido o almoço para os congos. Depois que estes se servem, os demais visitantes são também servidos, mas somente os congos têm lugar à mesa. Após a refeição e um breve descanso, a Congada torna a formar, canta o agradecimento e já sai da casa, deixando aquele morador (rainha ou imperador) e vão conduzir os outros quatro às suas residências. Em cada casa é repetido o ritual de entrega do festeiro. Este entra na casa e a Congada já segue com os demais para a próxima entrega.

Terminada esta função, por volta de quatro da tarde, a Congada vai tomar um café ou um lanche na casa de algum promesseiro e depois já retoma todo o percurso fazendo as visitas aos cinco festeiros do dia. As visitas começam com a janta na casa da rainha ou do imperador, sendo sempre o almoço na casa de um e a janta na casa do outro. Em cada visita a Congada canta e dança no pátio interno ou na rua em frente da casa, com o festeiro sentado e posicionado na frente do grupo. Além dos cantos rituais obrigatórios, o festeiro pode pedir para executarem os de sua preferência. É nessas situações que, em algum momento, é realizada a dança da Kazumba, um cortado voltado mais para o próprio grupo que para o festeiro. Ao final da última visita, entre meia-noite e uma hora da madrugada, o grupo se dispersa, cada um volta para sua casa ou para a casa onde está hospedado nos dias da festa.

No dia 26/07 todo o ritual se repete, desta vez com os cinco festeiros de Nossa Senhora do Carmo. Ao final deste dia a Festa está encerrada.

No dia 27/07 a irmandade se reúne para contabilizar o dinheiro apurado e duas semanas após a Festa os mastros são retirados.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO

--

--

--

--

F40

--

6. DESCRIÇÃO DO LUGAR DA ATIVIDADE**6.1. CARACTERÍSTICAS GERAIS**

A primeira atividade da Festa acontece na Igreja de Santa Efigênia e no Largo que lhe é contíguo. São respectivamente a missa e a Capina do Largo.

No Largo da igreja, cresce durante o ano uma vegetação rasteira (vassoura, capim e malva) que é capinada pelos congos, devotos e promesseiros no dia 24 de Junho, logo após a missa que começa às 7h00, ao som dos cantos acompanhados apenas pelo bumbo e pela caixa. Nos tempos mais antigos, o largo ocupava toda a praça da Igreja e era coberto especialmente por malva, que tem propriedades curativas. Com a crescente urbanização no município, a maior parte do largo foi revestida por concreto, restando somente uma pequena área na lateral da Igreja.

O mastro com a bandeira de Santa Efigênia é levantado na frente da igreja no dia 29 de junho, dia de São Pedro. Esta cerimônia não é acompanhada de cantos e danças, apenas o bumbo e a caixa acompanham os congos e o capitão do mastro da casa deste até o largo da Igreja de Santa Efigênia onde ocorre uma missa, a benção do mastro com a bandeira e seu levantamento. Após o levantamento do mastro, ocorre o primeiro ensaio na casa do capitão do mastro, festeiro responsável pela guarda da bandeira e pelo levantamento.

Nos dias da Festa, 25 e 26 de julho, os congos buscam os festeiros do respectivo dia em suas residências e se concentram na casa de Seu Luis Rodrigues, nas proximidades da rodoviária. Dali, descem em cortejo até a Igreja de Santa Efigênia, onde o Reinado e os Congos tem lugar especial para assistir às missas.

Da igreja, os Congos seguem pelas ruas puxando o Reinado até a casa da Rainha ou do Imperador, onde será oferecido um almoço. Depois do almoço, é formado novo cortejo para deixar cada festeiro em sua casa. À noite a Congada volta em cada casa para dançar para os festeiros. Na casa do Imperador ou da Rainha é oferecida a janta. Nas demais, geralmente é servido um café ou uma farofa. Os trajetos mudam a cada ano dependendo do local de residência dos festeiros.

6.2. MARCOS NATURAIS E/OU EDIFICADOS

Igreja de Santa Efigênia. Prédio histórico da virada do século XVIII para o século XIX. Um dos monumentos arquitetônicos importantes da época da mineração de ouro nos tempos coloniais no Estado de Goiás. A igreja já pertenceu à irmandade e foi transferida para a paróquia no início da década de 80, quando também passou por uma restauração a cargo da Secretaria Estadual de Cultura. É um prédio que está aparentemente em boas condições e merece uma atenção especial do IPHAN. O altar necessita de uma restauração urgente.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO

--

--

--

--

F40

--

6.3. AGENCIAMENTO DO ESPAÇO PARA A ATIVIDADE

A missa do dia da capina ocorre dentro da igreja. O uso do espaço da igreja e também alguns elementos do ritual da missa são acertados entre o pároco e a irmandade, incluindo a menção à Festa e à tradição da Congada e a benção das enxadas que serão usadas na capina.

A prefeitura é responsável por manter a vegetação do largo da Igreja de Santa Efigênia livre de podas e de ajuntamento de lixo ou entulho.

A concentração na casa de Seu Luís Rodrigues é organizada pelo próprio com o auxílio de integrantes da Congada.

As missas nos dias de Festa são realizadas no lado direito da igreja, em tenda armada para esse fim, porque a igreja já não comporta o número de fiéis e devotos de Santa Efigênia que comparecem. O uso do espaço é acertado entre o pároco e a irmandade.

A organização do espaço das residências dos festeiros para a recepção dos Congos é feita pelos próprios festeiros, familiares e vizinhos

7. TEMPO**7.1. PERIODICIDAD
E**

A festa acontece anualmente. Inicia com a capina do largo no dia de São João, 24/6. Segue com o levantamento do mastro no dia de São Pedro, 29/6. Dois dias antes da festa são realizados ensaios nas casas dos festeiros. Finalmente, a festa propriamente dita acontece nos dias 25/7, dia de Santa Efigênia, e 26/7. Dali a duas semanas os mastros são retirados

7.2. OCORRÊNCIA EFETIVA DESDE 1997

1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008
X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO

--

--

--

--

F40

--

8. BIOGRAFIA

Valdivino Fernandes Pimentel é o atual presidente da Congada. Nascido em 1960, começou a dançar Congo aos nove anos de idade, em companhia do pai, João Botelho Pimentel, que também dançou por muitos anos. A relação de Valdivino com o Congo remonta a uma promessa feita por sua mãe quando ele tinha apenas três anos e correu sério risco de vida ao ingerir acidentalmente querosene. Sem apoio médico, já que a cidade contava na época apenas com um farmacêutico, sua mãe prometeu a Santa Efigênia que, se ela lhe salvasse o filho, o mesmo dançaria Congo enquanto vida tivesse. Dona Cristina Fernandes da Silva, mãe de Valdivino, é devota de Santa Efigênia desde menina, sendo que seu pai e seu marido foram dançadores do Congo e ela sempre acompanhou a festa, algumas vezes como festeira (imperatriz de Santa Efigênia), oferecendo almoço para os congos, mas sendo responsável principalmente por cuidar das vestimentas (camisas, saias e penachos).

Valdivino é casado com D. Cleusa, que também é de família com forte tradição na Congada. D. Josefa, sua sogra, também acompanha a festa desde menina em função de promessa da mãe por causa de picada de cobra. Tendo aprendido com a mãe o ofício de parteira, D. Josefa é conhecedora do “jardim da vida”, as plantas que tem propriedades curativas, e de orações para proteção; conhecimentos ancestrais atualizados na Congada.

Valdivino aprendeu os rituais da festa participando, observando e escutando, pois não havia entre os congos antigos a prática de ensinar os mais jovens. Seu companheiro nesse processo foi João Santana de Freitas Machado, contra-guia e tocador de viola, que começou a dançar no Congo aos doze anos de idade, cumprindo promessa feita pela avó. Juntos, tiveram de tolerar muito desaforo dos congos mais antigos, e só por muita fé, devoção e compromisso com a promessa feita respectivamente por sua mãe e avó persistiram na Congada. A prática atualmente mudou, e os dois hoje demonstram séria preocupação em ensinar aos mais jovens os cantos, os toques e os passos de dança, para que a festa possa continuar.

Valdivino é hoje o principal baliza do grupo, aquele que puxa os cantos e toca o tamborim, dando a batida para a cuíca e a caixa. Esse papel é dividido com seu Luís Rodrigues, também chamado Luís Preto, que já atuava como baliza quando Valdivino ascendeu a este papel. Os cantos da congada são sempre entoados em dueto. Quando Valdivino puxa os cantos no tamborim, normalmente tem João Santana na viola como contra-guia. Quando Luís Preto puxa os cantos, o contraguia pode ser João Santana ou o próprio Valdivino, que também toca viola. Esses três são os principais detentores do conhecimento da congada em atividade, especialmente depois do falecimento de Seu Candinho, que, além de grande conhecedor da festa e de saberes associados, especialmente os relacionados à atividade de curador, benzedor e rezador, era o primeiro cuiqueiro e baliza de uma das fileiras.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO

--

--

--

--

F40

--

9. ATIVIDADE**9.1. ORIGENS, MOTIVOS, SENTIDOS E TRANSFORMAÇÕES**

O Congado é talvez a mais importante expressão do catolicismo negro – predominantemente de origem banto – no Brasil, desenvolvida em um sistema escravista marcado pela imposição cultural. Apresenta uma mistura de signos e significados a partir de traduções e reinterpretações contextualizadas nas relações assimétricas de poder que marcaram o período colonial. A denominação *banto* vem do agrupamento em uma mesma família de povos que vivam na região centro ocidental do continente africano a partir de uma série de semelhanças lingüísticas, em que era comum a quase todos a palavra *ntu* com o sentido de gente, indivíduo, pessoa, sendo *bantu* seu plural. Assim, *banto* designa um macrogrupo com características lingüísticas e culturais semelhantes. A organização social banta se dava através de linhagens, orientada pelo sentimento de *pertencimento* e ligação com os ancestrais: toda pessoa era, antes de tudo, membro de uma família e de um clã. As linhagens, as aldeias e os clãs teciam uma solidariedade fundada na etnia e na consciência de cada um descender do mesmo antepassado.

O tráfico rompe essas linhagens e foi nas irmandades leigas que se tornou possível a resistência cultural pela vivência do sagrado a partir de conteúdos e práticas religiosas dos antepassados. Essas instituições, centrais da religiosidade colonial e barroca, desempenharam papéis diversos e por vezes difíceis de conciliar, impondo uma religião oficial e um modo de organização controlado pela Igreja e pela administração do Estado colonial, e depois imperial, ao mesmo tempo em que eram as únicas instituições nas quais negros, crioulos e pardos, escravos, libertos e livres puderam se manifestar com relativa autonomia e liberdade. Assim, os elementos europeus de devoção foram assimilados pelos negros de acordo com suas próprias concepções religiosas e vivenciados a partir de suas práticas culturais, que definiram a forma da festa de Nossa Senhora do Rosário, Santa Efigênia e outros santos de devoção negra, com suas ingomas (tambores) justapostas ao Rosário, com suas divindades cultuadas à sombra dos santos católicos e preservando seus processos de iniciação. A coroação de reis e rainhas congos fazia parte das atividades dessas irmandades, tendo o rei e a rainha poderes de caráter muito mais simbólico do que de mando político sendo, no entanto, responsáveis pela sustentação financeira das Festas em devoção aos santos católicos.

A Congada de Santa Efigênia de São José do Tocantins, atual Niquelândia, remonta ao período da exploração de ouro nos tempos coloniais. O compromisso da irmandade é do final do século XVIII. Como nas demais Irmandades de Homens Pretos – escravos, livres ou libertos – da área mineradora, notadamente as devotadas a Nossa Senhora do Rosário, disseminadas em Minas Gerais e Goiás, as práticas culturais africanas, ligadas a saberes, valores, crenças e ritos de origem deram forma à festa em louvor à santa católica. O bumbo, a caixa, o tamborim, as cuícas, os reco-recos, os pandeiros soam na rua nos dias de festa, invocando de um modo africano os santos católicos e conferindo a seu culto outros desdobramentos e novas significações, criando esta manifestação singular que é a coroação do reinado na festa de Santa Efigênia.

É perceptível certa predominância de traços culturais próprios dos povos centro-africanos (região do Congo, Angola e Moçambique) nesse catolicismo negro, mas há igualmente elementos que indicam a influência de minas e sudaneses e ainda dos índios Avá-canoeiros, que tinham presença forte na região. Trata-se de uma manifestação híbrida, na qual a resistência cultural pela vivência do sagrado preserva conteúdos religiosos dos antepassados e uma série de conhecimentos a eles associados.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO

--

--

--

--

F40

--

Na festa, as principais santas homenageadas são Santa Efigênia e Nossa Senhora do Carmo. Cada santa tem sua corte composta por imperador e rainha, príncipe ou princesa e juiz ou juíza. São cinco festeiros no dia 25/7, dia de Santa Efigênia, e outros cinco no dia seguinte. A congada “trabalha” para as santas, cantando e dançando em duas filas paralelas na rua e nas casas dos festeiros e promesseiros. O tamborim e a cuíca dão a introdução, os balizas puxam os versos e os demais congos respondem em coro, tocando e dançando, nas várias funções da festa – ensaios nas casas dos festeiros, reunião dos festeiros e cortejo do reinado para as missas e dali para o almoço da rainha ou do imperador, visitas aos festeiros e a janta na casa de um desses. Há ainda a cerimônia da capina do largo da Igreja de Santa Efigênia, no dia de São João, 24/6, em que só o bumbo e a caixa conduzem o canto e dão o ritmo para os enxadeiros fazerem a limpeza do largo e as panhadeiras de cisco juntarem a malva e outras ervas que serão amarradas nas partes enfermas do corpo para propiciar a cura.

O levantamento do mastro é feito no dia de São Pedro, 29/6, sem cantos e danças. A bandeira no alto do mastro, simbolizando a ligação do céu e da terra, marca um período especial em que a santa derrama sua benção e o sagrado se faz presente. Após o levantamento do mastro, ocorre o primeiro ensaio na casa do capitão do mastro.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO

--

--

--

--

F40

--

9.2. NARRATIVAS E REPRESENTAÇÕES

Santa Efigênia é milagrosa. As promessas feitas a ela são, normalmente, pedidos para obtenção de cura de doenças, de seqüelas de acidentes, de picadas de cobra. As promessas são feitas em nome próprio ou em nome de outrem. São vários os depoimentos acerca de filhos que se curaram de algum malefício em razão de promessas feitas pelos pais. Estes filhos cumprem a promessa dançando o congo, dando um café, um almoço ou um jantar para os congos, enfim, participando de alguma forma dos rituais da festa. O atual presidente da congada, Valdivino, conta que começou a dançar congo ainda menino, quando se intoxicou com querosene e, sem esperanças médicas de que melhoraria, sua mãe prometeu a Santa Efigênia que caso ela lhe salvasse o menino, ele, enquanto vida tivesse, dançaria o congo. Assim, ele cumpre a promessa há quase 40 anos.

Em caso semelhante, um dos integrantes mais antigos explica que não se dança congo por farra. Dança-se para agradecer um benefício. Ainda menino, Seu Luís sofria de acessos e a cidade, na época, não contava com apoio médico. Sua mãe recorreu, portanto, a Santa Efigênia, prometendo-lhe que seu filho dançaria a vida toda se obtivesse a cura. Outro integrante conta que sua avó foi quem fez a promessa, quando a casa onde sua mãe morava - ainda grávida dele - pegou fogo. Para que se salvassem, prometeu que, se nascesse uma neta, ela iria se chamar Santana e a mãe da criança iria dançar congo por um ano. Se fosse neto, iria dançar congo enquanto agüentasse andar. Conseguiram escapar, e João Santana é quem cumpre a promessa hoje.

Os devotos de Santa Efigênia - dançadores de Congo e as demais pessoas que fazem promessa para a santa, para dançar ou dar um almoço etc -, participam da Capina do Largo da Igreja de Santa Efigênia no dia 24 de junho (dia de São João), que marca o início da festa. Durante uma manhã, o largo é capinado pelos congos e os promesseiros recolhem os montes de capim, vassoura e malva, amarrando-os nas partes do corpo afetadas por doenças ou machucados. Como narra Seu Candinho, “de qualquer maneira que você sofrer um acidente aí, pode fazer uma promessa com ela. Ela ajuda. Ou pra dançar congo, pra carregar cisco no dia da Capina, essas coisas; amarrar num lugar que machucou, que sara. Pode fazer, no dia vim. Fazendo a promessa com fé mesmo, já está são. Mas tem que cumprir a promessa aí do jeito que você fez.” Existem diversos exemplos de promessa, desde dar uma garrafa de cachaça todos os anos ao terno até dançar para Santa Efigênia a vida toda. Há quem prometa e cumpra a promessa por um ano só. Importante, como ressaltou Seu Candinho, é cumprir do jeito que fez. A importância do cumprimento das promessas é fortemente afirmada em relatos dos participantes mais antigos da Festa, que contam de promesseiros que, mesmo depois de mortos, zelam pelo cumprimento de seus votos através do intermédio de membros vivos da família.

Existem casos, inclusive, de intervenção direta da santa. Uma das fiéis, Dona Josefa, conta que, muito doente, se pôs a rezar de joelhos no chão pedindo benção de cura, quando a Santa lhe apareceu e lhe cobriu com saúde: “Ela desceu na nuvem e colocou assim ó. Mas eu num agüentei não. Moço, mas eu chorei...”

Com Santa Efigênia também não se brinca. Aqueles que não respeitam a fé sofrem prejuízos. Gente que, por algum motivo, nega ou atrapalha a continuidade da festa pode ser castigado, material e fisicamente.

Contam-se histórias que os dançadores de congo mais velhos possuíam poderes de cura. Procurados para salvar alguém ofendido de cobra, por exemplo, esses congos que eram benzedores e conhecedores de ervas e raízes iam até a sombra de uma árvore e, rezando, “desmarrava” o que de ruim houvesse, e a cobra, onde quer que estivesse, morria na hora. A pessoa se curava e não sentia mais nenhum sintoma. Esses conhecimentos foram repassados de geração em geração, de modo que alguns dos integrantes do Congo sabem ainda hoje de rezas para cura, raízes para garrafadas e etc. Tudo vindo “primeiramente de Deus e de Santa Efigênia”, como afirma Dona Josefa.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO	--	--	--	--	F40	--
--	----	----	----	----	------------	----

9.3. CRONOLOGIA

DATA	DESCRIÇÃO
1795	Ereção da Irmandade de Santa Efigênia de São José do Tocantins
Final do séc. XVIII e início do séc. XIX	Construção, pela irmandade, da Igreja de Santa Efigênia
Séc XIX	Com a decadência da mineração de ouro em Goiás a população negra passa a exercer ofícios rurais e há um provável contato com os índios Avá Canoeiro
1833	Elevação à categoria de vila e sede do Município
1938	Descoberta de enormes jazidas de níquel pelo minerador alemão Helmut Brooks. Elevação à categoria de cidade
1943	Passa se chamar Niquelândia em função do minério abundante no município
Década de 1940 e 1950	A Congada começa a se abrir para a participação de outros segmentos da sociedade e permanece predominantemente, mas não mais exclusivamente, negra
Década de 60 e 70	Exploração de níquel no município começa a trazer alterações em seu perfil sócio-econômico. Alguns negros trabalha(ram) nessa atividade
Início da década de 1980	Entrega da Igreja de Santa Efigênia para a paróquia por impossibilidade financeira da irmandade arcar com os custos de sua manutenção
Início dos anos 2000	A Congada passa a freqüentar festas e eventos fora de Niquelândia, notadamente o Encontro de Culturas Tradicionais da Chapada dos Veadeiros e o Encontro Afro do Estado de Goiás
2008	A festa permanece, contando cerca de 220 anos de tradição

10. PRODUTOS PATRIMONIAIS**10.1. REPERTÓRIO OU PRINCIPAIS PRODUTOS**

Não se aplica

10.2. PROCESSO DE TRABALHO E COMERCIALIZAÇÃO

ETAPA	ATIVIDADE
Não se aplica	

10.3. PRINCIPAIS PARTICIPANTES

STATUS	FUNÇÃO
Baliza ou guia	Tendo o tamborim como instrumento de comando, dá a batida para a introdução da cuíca e para a batida da caixa. Puxa os cantos e é responsável pela condução do grupo. Coloca-se à frente da fila da direita.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO	--	--	--	--	F40	--
--	----	----	----	----	------------	----

2º baliza ou Contra-guia	Entoa o canto em dueto com o guia e toca viola. Dança no meio das duas filas e, conforme a coreografia, incorpora-se a uma delas. Também conduz alguns rituais, como a dança do Kazumba.
Cuiqueiro	O primeiro cuiqueiro forma a linha de frente com os dois guias e é também considerado um baliza, ficando à frente da fila da esquerda e marcando os passos da dança para esta fileira.
Dançadores	Tocam reco-reco e pandeiro, respondem os cantos dos guias e fazem as coreografias da Congada.
Caixeiro	Um dos responsáveis pela marcação do ritmo. No cortejo do Reinado para as missas e delas para o almoço dos festeiros vai à frente do grupo junto com o tocador de bumbo. Nas apresentações na porta das casas e dentro delas, toca de frente para o grupo, um pouco apartado dele. Não toma parte na dança.
Tocador de bumbo	Um dos responsáveis pela marcação do ritmo. Tocam na capina do largo, na condução do capitão do mastro, no cortejo do Reinado para as missas, na entrega dos festeiros na igreja, nas danças na saída da igreja e no cortejo da igreja para o almoço dos festeiros. Vai à frente do grupo junto com o caixeiro. Cumpre um dos serviços mais pesados da Congada em função das grandes dimensões e do peso do instrumento. Normalmente, dois tocadores se revezam nos percursos. Não participa das apresentações na porta das casas e dentro delas e tampouco toma parte na dança.
Bandeireira	Levam as bandeiras de Santa Efigênia e de Nossa Senhora do Carmo no cortejo do Reinado para as missas. É função de grande relevância e responsabilidade, pois as bandeiras simbolizam as santas e são as guias do grupo.
Imperador	Principais festeiros. Eleitos anualmente, um é da corte de Santa Efigênia e o outro da corte de Nossa Senhora do Carmo. Tem compromisso com todas as atividades da Congada e dá um almoço ou janta para o grupo no dia da festa da respectiva santa. Tem lugar especial nas missas da festa.
Imperatriz	Principais festeiras. Eleitas anualmente, uma é da corte de Santa Efigênia e a outra da corte de Nossa Senhora do Carmo. Tem compromisso com todas as atividades da Congada e dá um almoço ou janta para o grupo no dia da festa da respectiva santa. Tem lugar especial nas missas da festa.
Príncipe	Jovens festeiros eleitos anualmente. Um para a corte de cada santa homenageada. A família normalmente dá um lanche ou serve uma farofa para os congos na noite dos ensaios e durante a visita na noite da festa. Tem lugar especial nas missas da festa.
Princesa	Jovens festeiras eleitas anualmente. Uma para a corte de cada santa homenageada. A família normalmente dá um lanche ou serve uma farofa para os congos na noite dos ensaios e durante a visita na noite da festa. Tem lugar especial nas missas da festa.
Juiz(a)	Um juiz ou uma juíza para cada corte. Tem responsabilidade com o recolhimento de donativos para a festa. Além disso, também dá um lanche ou serve uma farofa para os congos na noite dos ensaios e durante a visita na noite da festa. Tem lugar especial nas missas da festa.
Pajem	Carregam o guarda-chuva que protege os festeiros nos cortejos e nas portas de suas casas.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO	--	--	--	--	F40	--
--	----	----	----	----	------------	----

10.4. CAPITAL E INSTALAÇÕES	
DESCRIÇÃO	Não se aplica
QUEM PROVÊ	
FUNÇÃO	

10.5. MATÉRIAS PRIMAS E FERRAMENTAS DE TRABALHO	
DESCRIÇÃO	Não se aplica
QUEM PROVÊ	
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	
DISPONIBILIDADE	

10.6.1 COMIDAS E BEBIDAS	
DESCRIÇÃO	Café da manhã após Capina do Largo no dia 24 de Junho. Após a Capina do Largo, é servido um café da manhã no próprio largo da Igreja para os Congos, os membros da irmandade, o padre e seus ajudantes e demais pessoas da comunidade presentes.
QUEM PROVÊ	É de responsabilidade da Irmandade de Santa Efigênia. A Irmandade recebe um auxílio da Prefeitura e organiza o café da manhã com bolos, biscoito ferventado, rosca, café, leite, suco e refrigerante. Antigamente, quando a maioria das pessoas morava na zona rural e vinha para a cidade no período da Festa, não era a Irmandade quem cuidava desse café. Eram as próprias pessoas relacionadas à Congada (esposas, mães e filhas dos Congos) quem preparavam. Traziam o polvilho, o fubá, a mandioca, as vasilhas e as gamelas e preparavam os doces e biscoitos em Niquelândia. Faziam quebrador, biscoito fervido, peta, brevidade, mãe benta, bolo de arroz, bolo de raspa e pão de queijo. D. Cristina conta que o fubá era tirado no pilão e o polvilho era tirado da mandioca no ralo e no tipiti.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	O café da manhã após a Capina tem um sentido de comunhão, ainda mais se levarmos em conta que é na Capina que ocorre o primeiro encontro dos Congos durante o ano. Nos tempos mais antigos, a própria preparação do café e feitura dos doces e biscoitos criava essa comunhão, envolvendo as pessoas e tendo um caráter de trabalho comunitário. Como disse Dona Josefa, “a gente fazia com amor, muito amor que a gente tinha. Era o prazer que a gente tinha. Era bom demais”.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO	--	--	--	--	F40	--
--	----	----	----	----	------------	----

10.6.2 COMIDAS E BEBIDAS

DESCRIÇÃO	Almoço. Consta de arroz, feijão tropeiro, mandioca, frango, carne cozida, farofa de farinha de mandioca, guariroba, macarrão, salada de repolho e tomate.
QUEM PROVÊ	Os almoços ocorrem nos dias da Festa (25 e 26/07) e são oferecidas pela Rainha ou pelo Imperador e fazem parte da programação ritual da Festa e das obrigações desses festeiros.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	As refeições da Festa fazem parte das obrigações dos festeiros e tem um sentido de comunhão e de reforço dos laços entre os membros da irmandade pela troca estabelecida.

10.6.3 COMIDAS E BEBIDAS

DESCRIÇÃO	Janta, na qual são servidos arroz, feijão, mandioca, frango, carne cozida, macarrão, salada de repolho e tomate.
QUEM PROVÊ	As jantas ocorrem nos dias da Festa (25 e 26/07) e são oferecidas pela Rainha, ou pelo Imperador e fazem parte da programação ritual da Festa. Pode haver também uma janta oferecida por pessoa que não é do reinado como cumprimento de promessa feita à Santa Efigênia. Neste caso ela é encaixada nos dias da Festa ou incluída no dia do ensaio.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	As refeições da Festa fazem parte das obrigações dos festeiros. Além disso, as jantas são oferecidas por outras pessoas como cumprimento de promessa feita à Santa Efigênia ou como agradecimento pela graça concedida, a mais das vezes, cura de alguma doença.

10.6.4 COMIDAS E BEBIDAS

DESCRIÇÃO	Café. É um lanche oferecido aos Congos durante uma visita. Nele são servidos biscoitos, roscas, café, água, refrigerante e, na maioria das casas, “uma cachacinha maneira”.
QUEM PROVÊ	É oferecido pelos moradores da casa que convidam a Congada para uma visita, geralmente fruto de uma promessa.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	O café tem função de agrado e retribuição pela visita. Para os Congos é um momento de breve parada e descanso durante a Festa.

10.7.1 OBJETOS E INSTRUMENTOS RITUAIS OU CÊNICOS.

DESCRIÇÃO	Tamborim. Instrumento quadrado de madeira de 25 cm de comprimento e largura e 10 cm de altura, com couro na parte superior. Na inferior, duas hastes em cruz formam a empunhadura. É tocado com uma baqueta fina de madeira.
QUEM PROVÊ	É instrumento do baliza.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	O tamborim tem, além da parte musical, função de comando para todo o grupo e é uma insígnia da liderança do baliza.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO

--

--

--

--

F40

--

10.7.2 OBJETOS E INSTRUMENTOS RITUAIS OU CÊNICOS.

DESCRIÇÃO	Coroa. A coroa do Imperador tem as dimensões normais. A da Rainha é pequena, com uns 6 cm de altura e 3 cm de diâmetro. São feitas de metal dourado.
QUEM PROVÊ	São objetos da Congada e passam do festeiro de um ano para o festeiro do ano seguinte.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Nas sociedades centro-africanas na época do tráfico de escravos, era responsabilidade dos reis e rainhas cuidar da bem aventurança do grupo, garantindo a harmonia da vida nesta esfera física / natural, o que se fazia na esfera religiosa pela conjuração dos bons espíritos e invocação dos ancestrais protetores. Esta função de líder religioso, que implica o poder de comunicação entre o mundo físico / natural e o sobrenatural, dos espíritos e entidades, benévolas e malévolas - mundos deveras próximos na cosmologia banta com enorme influência do segundo sobre o primeiro -, também é um atributo dos reis, que conservam parte das prerrogativas dos feiticeiros, sacerdotes, xamãs etc. Este poder dos reis é comunicado às insígnias da realeza, que passam a ser igualmente veneradas. Há ainda o papel tradicional de liderança que os reis negros e reis do Congo exerciam sobre a população negra – escrava, liberta ou livre – no período da colônia e do império, cuja reminiscência se faz presente na festa.

10.7.3 OBJETOS E INSTRUMENTOS RITUAIS OU CÊNICOS.

DESCRIÇÃO	Cetro e bastão
QUEM PROVÊ	Objetos da Congada. Passam dos festeiros de um ano para os festeiros do ano seguinte.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Insígnia da realeza e sua corte. Ver 10.7.2.

10.7.4 OBJETOS E INSTRUMENTOS RITUAIS OU CÊNICOS.

DESCRIÇÃO	Bandeiras. Bandeira de Santa Efigênia e de Nossa Senhora do Carmo. Vão as duas à frente do grupo nos cortejos do Reinado para as missas do dia 25 e 26/07.
QUEM PROVÊ	Irmandade de Santa Efigênia.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Presentificam as santas. São as guias da Congada e primeiro objeto de reverência.

10.7.5 OBJETOS E INSTRUMENTOS RITUAIS OU CÊNICOS.

DESCRIÇÃO	Buquê de rosas. São levados pelas juízas no Reinado.
QUEM PROVÊ	O próprio festeiro.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Símbolo de pureza.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO	--	--	--	--	F40	--
--	----	----	----	----	------------	----

10.8.1 FIGURINOS E ADEREÇOS

DESCRIÇÃO	Penacho. Capacete dos Congos em que se tem um papelão cortado em tira revestido por um pano preto. Sobre essa faixa são coladas fitas coloridas e outros enfeites, tais como pequenas medalhas e crucifixos. Preso a esta estrutura vem o penacho. O penacho é feito de penas de ema enfiadas em um buriti, bem amarradas e envoltas por um pedaço de arame. O penacho é colocado sobre um pano branco cobrindo a cabeça do Congo.
QUEM PROVÊ	Há um tempo atrás, os penachos eram confeccionados por Dona Cristina Fernandes, mãe do atual presidente da Congada, Valdivino Fernandes. Hoje existem outras pessoas que os confeccionam, cabendo geralmente às esposas dos Congos o trabalho de realizar algum reparo necessário.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	O penacho é adereço fundamental dos Congos, sendo estes muitas vezes denominados de Congos Penachos ou simplesmente penachos. Alguns informantes falam da sua origem remetendo aos índios que existiam na região.

10.8.2 FIGURINOS E ADEREÇOS

DESCRIÇÃO	VESTIMENTA A vestimenta dos Congos é composta por calça e camisa de manga longa branca e gravata. Usam sobre a calça uma saia vermelha até a altura dos joelhos. Do cós desta saia pendem retalhos coloridos sobre o tecido vermelho. Nos tempos mais antigos era obrigatório ainda o uso de um paletó, costume conservado pelos congos mais velhos.
QUEM PROVÊ	A pessoa responsável por confeccionar a vestimenta dos Congos é o alfaiate Seu Lili Maria, figura também atuante na irmandade.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	É um traje ritual, que marca a solenidade das funções da Festa e as separam dos eventos corriqueiros, cotidianos, contribuindo assim para demarcar o território do sagrado. A vestimenta é um dos itens que autoriza o indivíduo a assumir seu papel na Congada. Sem ela não há permissão para participar da Festa. Nos tempos em que era obrigatório o uso de paletó, se o Congo chegasse pra dançar sem ele, tinha que tomar um emprestado, ou não dançava.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO	--	--	--	--	F40	--
--	----	----	----	----	------------	----

10.9.1 DANÇAS	
DESCRIÇÃO	Dança do Congo. A Congada em sua formação característica, duas fileiras com um baliza à frente de cada uma e um terceiro no meio, fazem um passo apoiando na perna esquerda e fazendo um movimento balanceado em que a perna direita é lançada para frente e para o lado. Na primeira estrofe o movimento é no mesmo lugar. Ao final da primeira estrofe, cada baliza externo faz um giro para fora e caminha na direção contrária à que estavam. Quando chegam à outra extremidade fazem o giro para dentro e voltam. Neste momento uma parte da fileira já está voltando para a posição inicial e a outra ainda está indo no sentido contrário. Isso se repete três vezes. Na quarta, uma fileira faz a volta passando por fora da outra, fazendo um percurso em “U” com sentido oposto. Isto se repete até que o canto esteja concluído
QUEM EXECUTA	Toda a Congada, com exceção do caixeiro e do tocador de bumbo.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	A louvação às santas por meio de cantos e danças, conduzidos pelo ritmo das caixas e outros instrumentos percussivos, é típica das manifestações religiosas de origem afro-brasileira. Trata-se de manifestação religiosa conduzida pelo canto e pela dança. O “trabalho” do Congo é louvar a santa, cantando e dançando. O mesmo vale para o Reinado, que tem a responsabilidade de garantir a sustentação material da festa.

10.9.2 DANÇAS	
DESCRIÇÃO	Dança de Iemanjá. Dança circular em que os congos, apoiando o passo na perna esquerda, movem a direita alternadamente para frente e para trás, se movimentando para a direita. Dança executada obrigatoriamente na porta da igreja, na saída das missas da festa, e com frequência a pedido dos festeiros.
QUEM EXECUTA	Toda a Congada, com exceção do caixeiro e do tocador de bumbo.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	A referência à rainha das águas do Candomblé é clara, apesar de a pesquisa de campo não ter identificado a existência de terreiro ou adeptos na cidade, nem na festa. O canto parece ser bastante tradicional e seria provável herança de sudaneses, minoritários na região, em festa com evidente predominância cultural banta.

10.9.3 DANÇAS	
DESCRIÇÃO	Kazumba. É denominado pelos congos de “cortado”, dança cuja coreografia é mais voltada para os próprios dançadores. Numa formação em círculo, o violeiro traz dois congos que ocupam posição simétrica em cada fileira para o centro. Estes se cumprimentam, fazem alguns passos típicos da dança do congo sincronizados e juntos, sem enlace, se despedem e trocam de lugar. Ao final de todo o movimento, as duas fileiras trocam de posição, mas cada Congo mantém o mesmo lugar em sua fila.
QUEM EXECUTA	Toda a Congada, com exceção do caixeiro e do tocador de bumbo.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	O canto e a dança têm evidente papel de reforçar o companheirismo entre os dançadores

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO

--

--

--

--

F40

--

10.10.1 MÚSICAS E ORAÇÕES

DESCRIÇÃO	Canto para a entrega do Imperador Nome do canto: Dandira <i>ôh dandira, dandirê, festa mané dandira / ôh festa mané dandira / festa mané dandê (resposta) / oh dandi, dandirê / festa mané dandira (resposta) / ôh festa mané dandira / Festa mané dandê (resposta)</i>
QUEM PROVÊ	O baliza, com o tamborim, dá a marcação para a cuíca e a caixa e puxa o canto. O contraguia, na viola, canta junto em dueto, harmonizando em terça. Os congos, na cuíca, reco-reco e pandeiro, fazem a resposta.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	O canto é executado no momento em que os Congos entregam o imperador em sua casa.

10.10.2 MÚSICAS E ORAÇÕES

DESCRIÇÃO	Canto para a entrega da Imperatriz: <i>Rainha dona da coroa, dona da coroa, dona da coroa / Rainha dona da coroa, dona da coroa, dona da coroa</i>
QUEM PROVÊ	O baliza, com o tamborim, dá a marcação para a cuíca e a caixa e puxa o canto. O contraguia, na viola, canta junto em dueto, harmonizando em terça. Os congos, na cuíca, reco-reco e pandeiro, fazem a resposta.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	O canto é executado no momento em que os Congos entregam a Imperatriz em sua casa.

10.10.3 MÚSICAS E ORAÇÕES

DESCRIÇÃO	Canto para a entrega da Princesa Nome do canto: Catirina <i>ôh catirina quitê, ôh catirina quitê / devota sinhá princesa, ôh catirina quitê</i>
QUEM PROVÊ	O baliza, com o tamborim, dá a marcação para a cuíca e a caixa e puxa o canto. O contraguia, na viola, canta junto em dueto, harmonizando em terça. Os congos, na cuíca, reco-reco e pandeiro, fazem a resposta.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	O canto é executado no momento em que os Congos entregam a Princesa em sua casa.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO	--	--	--	--	F40	--
--	----	----	----	----	------------	----

10.10.4 MÚSICAS E ORAÇÕES

DESCRIÇÃO	Canto para louvar Santa Efigênia na porta da Igreja Nome do canto: Viva Santa Efigênia <i>Viva, ôh viva e torna revivar / viva Santa Efigênia que viemos festejar</i> (a resposta repete os mesmos versos)
QUEM PROVÊ	O baliza, com o tamborim, dá a marcação para a cuíca e a caixa e puxa o canto. O contraguia, na viola, canta junto em dueto, harmonizando em terça. Os congos, na cuíca, reco-reco e pandeiro, fazem a resposta.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	O canto tem a função de louvar Santa Efigênia na porta da Igreja

10.10.5 MÚSICAS E ORAÇÕES

DESCRIÇÃO	Canto para os festeiros entrarem na Igreja para a missa Nome do canto: Bendito da entrega do festeiro <i>Ôh, reunidos vão / festejar Santa Efigênia / a Virgem, Nossa Senhora / êeh</i> (resposta)
QUEM PROVÊ	O baliza, com o tamborim, dá a marcação para a cuíca e a caixa e puxa o canto. O contraguia, na viola, canta junto em dueto, harmonizando em terça. Os congos, na cuíca, reco-reco e pandeiro, fazem a resposta.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	O canto é executado na porta da Igreja no momento em que os festeiros vão entrar para assistir à missa de Santa Efigênia.

10.10.6 MÚSICAS E ORAÇÕES

DESCRIÇÃO	Cantos de agradecimento pela refeição ofertada <i>Ôh senhor promesseiro* que não tem que pagar / o gosto que tem é nós festejar / ôh lê, ôh lá, o gosto que tem é nós festejar</i> (* Sá Rainha, Sá Princesa, Imperador, dependendo do caso) <i>guerrerê, guerrerá, Igreja de Roma que veio festejar.</i> <i>Viva Efigênia com muita alegria / louvemos o povo e a Virgem Maria.</i>
------------------	--

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO	--	--	--	--	F40	--
--	----	----	----	----	------------	----

QUEM PROVÊ	O baliza, com o tamborim, dá a marcação para a cuíca e a caixa e puxa o canto. O contraguia, na viola, canta junto em dueto, harmonizando em terça. Os congos, na cuíca, reco-reco e pandeiro, fazem a resposta.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	O canto é executado como agradecimento ao festeiro ou promesseiro pela refeição ofertada, almoço, jantar, lanche ou café. Acontece quando os congos vão se retirar.

10.10.7 MÚSICAS E ORAÇÕES	
DESCRIÇÃO	Cantos Gerais da Congada <i>Vassourinha que varre, serená / varre, num varre, serená / ela varre, num varre, serená / vassourinha que varre, serená</i> <i>Andorinha que veio do céu, que que ocê trouxe / balainho de fulo / vale Santo Antônio</i>
QUEM PROVÊ	O baliza, com o tamborim, dá a marcação para a cuíca e a caixa e puxa o canto. O contraguia, na viola, canta junto em dueto, harmonizando em terça. Os congos, na cuíca, reco-reco e pandeiro, fazem a resposta.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	São cantos executados para os festeiros durante as visitas e/ou almoços. Não tem um momento ritual obrigatório.

10.10.8 MÚSICAS E ORAÇÕES	
DESCRIÇÃO	IEMANJÁ <i>ÔH, IEMANJÁ, RAINHA DE CONGO, ÔH SINHÁ / ÊH / ÔH, IEMANJÁ, ÔH 'MANJÁ, RAINHA DE CONGO, ÔH SINHÁ</i>
QUEM PROVÊ	O baliza, com o tamborim, dá a marcação para a cuíca e a caixa e puxa o canto. O contraguia, na viola, canta junto em dueto, harmonizando em terça. Os congos, na cuíca, reco-reco e pandeiro, fazem a resposta
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Canto entoado obrigatoriamente na porta da igreja, na saída da missa de Santa Efigênia, acompanhado de uma dança circular. A referência à rainha das águas do Candomblé é clara, apesar de a pesquisa de campo não ter identificado a existência de terreiro ou adeptos na cidade nem na festa. O canto parece ser bastante tradicional e seria provável herança de sudaneses, minoritários na região, em festa com evidente predominância cultural banta.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO	--	--	--	--	F40	--
--	----	----	----	----	------------	----

10.10.9 MÚSICAS E ORAÇÕES	
DESCRIÇÃO	Cantos específicos de louvor a Santa Efigênia Vou rezar meu Rosário <i>Eu vou, eu vou para o céu / É muito longe meu Deus / ôh eu vou rezar meu Rosário / é muito longe meu Deus</i> festa dos anjos <i>Quem festeja os anjos / Santa Efigênia / lá no céu com muita alegria / Santa Efigênia</i>
QUEM PROVÊ	O baliza, com o tamborim, dá a marcação para a cuíca e a caixa e puxa o canto. O contraguia, na viola, canta junto em dueto, harmonizando em terça. Os congos, na cuíca, reco-reco e pandeiro, fazem a resposta.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Cantos específicos de louvor a Santa Efigênia, cantados em vários momentos rituais da Congada, nas ruas e nas casas.

10.10.10 MÚSICAS E ORAÇÕES	
DESCRIÇÃO	Cristo nasceu <i>Ôh Cristo nasceu, depois de quarenta hora / ôh depois de quarenta hora / é hora que amanheceu</i>
QUEM PROVÊ	O baliza, com o tamborim, dá a marcação para a cuíca e a caixa e puxa o canto. O contraguia, na viola, canta junto em dueto, harmonizando em terça. Os congos, na cuíca, reco-reco e pandeiro, fazem a resposta
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Canto apresentado especial, mas não exclusivamente, quando a Congada está na rua entrando pela madrugada, depois da meia-noite, uma hora.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO	--	--	--	--	F40	--
--	----	----	----	----	------------	----

10.10.11 MÚSICAS E ORAÇÕES	
DESCRIÇÃO	Cantos mais acelerados samba do homem <i>Olha o samba do homem / êh o samba do homem, eu vou sambar / o samba do homem / eu vou sambar / o samba do homem / eu vou sambar</i> fogo na cana <i>Olha fogo na cana / êh deixa a cana queimar / canavial / fogo na cana / canavial / deixa a cana queimar / canavial</i>
QUEM PROVÊ	O baliza, com o tamborim, dá a marcação para a cuíca e a caixa e puxa o canto. O contraguia, na viola, canta junto em dueto, harmonizando em terça. Os congos, na cuíca, reco-reco e pandeiro, fazem a resposta.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Cantos que mostram grande agilidade dos dançadores e coordenação precisa das fileiras, apresentados nas casas para os festeiros e promesseiros.

10.10.12 MÚSICAS E ORAÇÕES	
DESCRIÇÃO	Cortado Nome do canto: Kazumba <i>Ôh kazumba, kazumba, kazumbê / eu vou parar êh / ôh kazumbê / Ôh kazumba, kazumba, kazumbê / eu vou parar êh / ôh kazumbê</i>
QUEM PROVÊ	O baliza, com o tamborim, dá a marcação para a cuíca e a caixa e puxa o canto. O contraguia, na viola, canta junto em dueto, harmonizando em terça. Os congos, na cuíca, reco-reco e pandeiro, fazem a resposta.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Cortado são cantos e danças cuja coreografia é mais voltada para os próprios dançadores. Numa formação em círculo, o violeiro traz dois congos que ocupam posição simétrica em cada fileira para o centro. Estes se cumprimentam, fazem alguns passos sincronizados e juntos, sem enlace, se despedem e trocam de lugar. Ao final de todo o movimento, as duas fileiras trocam de posição, mas cada congo mantém o mesmo lugar em sua fila. O canto e a dança têm evidente papel de reforçar o companheirismo entre os dançadores.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO

--

--

--

--

F40

--

10.11.1 INSTRUMENTOS MUSICAIS

DESCRIÇÃO	Tamborim. Apesar de homônimo, difere do instrumento encontrado na percussão do samba. Tamborim. Instrumento quadrado de madeira de 25 cm de comprimento e largura e 10 cm de altura, com couro na parte superior. Na inferior, duas hastes em cruz formam a empunhadura. É tocado com uma baqueta fina de madeira.
QUEM PROVÊ	Os tamborins são feitos pelos próprios congos.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	É o instrumento de comando, tocado pelo puxador do canto. Marca os tempos do compasso binário 2/4 e dá a batida para a caixa e a cuíca.

10.11.2 INSTRUMENTOS MUSICAIS

DESCRIÇÃO	Cuíca. Instrumento musical, de origem africana, feito de tronco de pau-brasil escavado no formão, com aproximadamente 45 cm de comprimento e 30 cm de diâmetro. Uma extremidade é recoberta com couro esticado, tradicionalmente de fuboca, em cujo centro se encaixa uma vara de madeira voltada para dentro da cavidade do instrumento, cuja fricção com pano molhado produz o som característico de um ronco.
QUEM PROVÊ	As cuícas usadas na Congada são feitas pelos próprios congos.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Utilizadas em todas as execuções de canto e dança da Congada. As cuícas, geralmente duas ou três, ocupam os lugares da frente nas fileiras. Na fileira da direita, vem logo atrás do baliza com o tamborim. Na fila da esquerda, o primeiro cuiqueiro forma a linha de frente com os dois guias e é também considerado um baliza. A partir do toque do tamborim, a cuíca dá a introdução para o canto. Na toada mais freqüente, compasso binário 2/4, a cuíca faz uma pausa na primeira colcheia e toca as outras três. Ex. Kazumba, Iemanjá.

10.11.3 INSTRUMENTOS MUSICAIS

DESCRIÇÃO	A caixa é feita de tronco de pau-brasil ou tamboril escavado no formão, com aproximadamente 30 cm de comprimento e 20 cm de diâmetro. Recoberta com couro nas duas extremidades. O couro é seguro por um aro de madeira flexível, geralmente jequitibá, e esticado por cordões presos ao aro e retesados por uma tira de couro cujo movimento aproxima dois cordões amarrados em V. Na extremidade de baixo é fixado um arame encostado no couro que dá um efeito de trêmulo no som da caixa. É tocada com duas baquetas de madeira.
QUEM PROVÊ	A caixa usada na Congada é feita pelos próprios congos.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO	--	--	--	--	F40	--
--	----	----	----	----	------------	----

FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Instrumento responsável pela marcação do ritmo. No cortejo do Reinado para as missas e delas para o almoço dos festeiros vai à frente do grupo, ao lado do bumbo. A caixa é executada de frente para o grupo nas apresentações na porta das casas e dentro delas. Seu executante não participa da dança. Utilizada em todas as funções da Congada.
-----------------------------	--

10.11.4 INSTRUMENTOS MUSICAIS	
DESCRIÇÃO	Bumbo. Instrumento musical de grandes dimensões e bastante pesado, aproximadamente 90cm de diâmetro e 40 cm de largura, feito preferencialmente de cedro ou tamboril que são madeiras mais leves. O couro usado tradicionalmente era de fuboca, que dava um som mais cristalino e tem maior durabilidade. Em função das proibições de caça, hoje usam couro de bezerro. É tocado com duas baquetas, uma de madeira e a outra com ponta de tiras grossas de couro de vaca.
QUEM PROVÊ	O bumbo atualmente utilizado foi trazido de Pirenópolis, mas alguns congos sabem como fazê-lo.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Um dos responsáveis pela marcação do ritmo na capina do largo, no acompanhamento do capitão do mastro, no cortejo do Reinado para as missas, na entrega dos festeiros na igreja, nas danças na saída da igreja e no cortejo da igreja para o almoço dos festeiros. Nos cortejos, é levado à frente do grupo ao lado da caixa. Nas danças, é tocado um pouco afastado do grupo, sendo posicionado com um ângulo de 45 ° da frente das fileiras. Em função das grandes dimensões e do peso do instrumento, normalmente dois tocadores se revezam nos percursos. Seu executante não participa das apresentações na porta das casas e dentro delas e tampouco toma parte na dança.

10.11.5 INSTRUMENTOS MUSICAIS	
DESCRIÇÃO	Reco-reco. Também chamado de canjá. Pedaco de 40 cm do talo da folha de buriti com ranhuras sobre as quais o tocador fricciona uma haste de ferro.
QUEM PROVÊ	Os reco-recos são feitos pelos próprios congos.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	O reco-reco é utilizado em todas as execuções de canto e dança da congada. É o instrumento que tem maior número no grupo. Sua execução varia de acordo com a toada e em algumas delas executa uma espécie de virada na batida.

10.11.6 INSTRUMENTOS MUSICAIS	
DESCRIÇÃO	Pandeiro
QUEM PROVÊ	Cada executante adquire o seu instrumento
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Compõem o final da fileira, com três, preferencialmente, em cada uma. São utilizados em todas as execuções de canto e dança. Parecem ser incorporação recente na estrutura da Congada.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO

--

--

--

--

F40

--

10.12 ATIVIDADES APÓS A EXECUÇÃO

EXECUTANTE	ATIVIDADE
Irmandade de Santa Efigênia	A irmandade de santa efigênia é composta pelos dançadores do Congo e também por outros devotos que não participam diretamente da Congada. A diretoria da irmandade cuida da arrecadação da festa, que, além de louvar a santa, tem o sentido de angariar fundos para as ações da irmandade, que incluem a manutenção da própria festa (velas para a procissão, enfeites para a igreja, missa etc) e também obras de assistência aos irmãos. A irmandade e a paróquia cuidam das atividades posteriores que acontecem na igreja, limpeza, retorno dos bancos etc.
Congos	Os trajes e instrumentos são de responsabilidade individual de cada congo, com a participação da família, especialmente das mães e esposas no caso dos homens. Duas semanas depois da festa, os congos retiram o mastro e guardam a bandeira.
Festeiros	Cada festeiro e promesseiro cuida da arrumação da própria casa depois da visita e do almoço ou janta.

11 DESTINAÇÃO DO PRODUTO

PARA USO PRÓPRIO ☐	VENDE ☐	TROCA ☐	OUTRO ☐	ESPECIFICAR	
PARTICIPAÇÃO NA RENDA FAMILIAR	SIM ☐	NÃO ☐	PRINCIPAL FONTE DE RENDA ☐	COMPLEMENTO ☐	
MODO DE COMERCIALIZAÇÃO	DIRETO ☐	INTERMEDIÁRIO ☐	COOPERATIVA / ASSOCIAÇÃO ☐		

12 PARTICIPAÇÃO EM COOPERATIVAS OU ASSOCIAÇÕES

Associação Comunitária de Santa Efigênia. Associação Civil sem fins lucrativos com finalidades culturais. Registrada em cartório e no CNPJ

Irmandade de Santa Efigênia. Herdeira da antiga irmandade. Está providenciando seu registro como Associação Civil

13 BENS ASSOCIADOS

DENOMINAÇÃO	CÓDIGO

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO

--

--

--

--

F40

--

14 PLANTAS, MAPAS E CROQUIS**15. DOCUMENTOS INVENTARIADOS****15.1 DOCUMENTOS ESCRITOS, DESENHOS E IMPRESSOS EM GERAL**

BERTRAN, Paulo. **História de Niquelândia**: do Distrito de Tocantins ao Lago de Serra da Mesa. Brasília: Verano Editora, 1998.

MORAES, Cristina de Cássia Pereira. **Místico de Cristo: Irmandades e Confrarias na capitania de Goiás (1736-1808)**. 2006. 2 volumes. Tese de Doutorado. Universidade Nova de Lisboa. textual.

POHL, Johan Emmanuel. **Viagem ao interior do Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1976.

15.2 REGISTROS SONOROS E AUDIOVISUAIS

CHAPADA dos Veadeiros: Culturas tradicionais do norte de Goiás. Produção: Viola Correa e Casa de Cultura Cavaleiro de Jorge. CD de Áudio. 2006.

Congada de Santa Efigênia de Niquelândia. 6 CDs não editados. Gravado por Alfredo Bello / Mundo melhor, em 2007 e 2008.

Congada de Santa Efigênia e **Folia do Divino** de Niquelândia. Gravação de cantos por Roberto Corrêa no VI Encontro de Culturas Tradicionais da Chapada dos Veadeiros 2006. Aproximadamente 25 min. de gravação. Acervo Viola Corrêa.

Registro Audiovisual da Congada de Santa Efigênia de Niquelândia. Registro em áudio de todas as funções da festa e gravação dos cantos em ambiente isolado (aproximadamente 8 horas), depoimentos gravados e registro fotográfico de da festa e bens associados. UFG / MIS / FAPEG. Captação de áudio de Sebastião Rios e Talita Viana. Coordenação de Sebastião Rios. 2009.

15.3 REGISTROS FOTOGRÁFICOS

Congada de Santa Efigênia 2008 e 2009. Acervo de Paulo Barreto

Registro fotográfico da **Congada de Santa Efigênia** e bens associados. UFG / MIS _ AGEPEL / FAPEG. Fotos de Paulo Barreto. Coordenação de Sebastião Rios. 2009.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: FORMAS DE EXPRESSÃO

--

--

--

--

F40

--

16 OBSERVAÇÕES**16.1 APROFUNDAMENTO DE ESTUDOS PARA COMPLEMENTAÇÃO DA IDENTIFICAÇÃO OU PARA FINS DE REGISTRO OU TOMBAMENTO**

A Congada de Santa Efigênia de Niquelândia tem aproximadamente 220 anos de tradição, sem interrupção, segundo os informantes locais. É a mais antiga do Estado de Goiás em atividade e com certeza uma das mais antigas do país, talvez só perdendo para a Festa do Rosário dos Homens Pretos do Serro MG em antiguidade. Nesta primeira aproximação com a Congada, a pesquisa avançou bastante, mas nem todos os aspectos da festa foram compreendidos e a maioria deles vale aprofundar. Além disso, em que pese sua grande importância, praticamente não há estudos publicados sobre a Congada de Santa Efigênia.

16.2 IDENTIFICAÇÃO DE OUTROS BENS MENCIONADOS NESTA FICHA**16.3 OUTRAS OBSERVAÇÕES****17 IDENTIFICAÇÃO DA FICHA**

QUESTIONÁRIOS ANALISADOS	Valdivino Fernandes, D. Cristina Fernandes, D. Josefa Cunha, Luís Rodrigues, Satiro Pedroso, João Santana Freitas Machado, Cândido Nunes		
PESQUISADOR(ES)	Carolina Santos, Sebastião Rios e Talita Viana		
SUPERVISOR	Sebastião Rios		
REDATOR	Carolina Santos, Sebastião Rios e Talita Viana	Data	
RESPONSÁVEL PELO INVENTÁRIO	Sebastião Rios	11/12/2008	